

ESTADOS UNIDOS / Candidato da oposição à Casa Branca se envolve em disputa com cardeais do Partido Republicano e discorda publicamente do parceiro de chapa. Exponentes da legenda e importantes doadores de campanha anunciam apoio a Hillary Clinton

Trump contra Trump

» GABRIELA FREIRE VALENTE

Atres meses das eleições, uma rebelião no Partido Republicano ameaça a campanha de Donald Trump pela Casa Branca. Um dia depois de o presidente Barack Obama exortar a cúpula da legenda de oposição a retirar o apoio ao candidato, o próprio empresário enredou-se em uma divergência pública com o companheiro de chapa, Mike Pence. Os pivôs são duas das principais figuras do establishment republicano, ambas reticentes a Trump: o respeitado senador John McCain e o presidente da Câmara dos Deputados, Paul Ryan.

Duas semanas depois de ter a candidatura consagrada pela Convenção Nacional Republicana, e em meio aos esforços da equipe de campanha para minimizar as divisões, a crise na oposição deu sinais de não ter sido superada. Em entrevista ao jornal *The Washington Post*, o bilionário afirmou que ainda não estava "pronto para endossar" os dois congressistas, ambos em campanha pela reeleição. O gesto foi interpretado como resposta à resistência de McCain e Ryan em apoiar o controverso candidato presidencial.

Ao contrário de Trump, o candidato a vice, que é visto no partido como um político conciliador, afirmou que apoiava "fortemente" a reeleição de Ryan. "Ele é um amigo de longa data e um forte líder conservador", elogiou. Na tentativa de apagar o incêndio provocado por Trump, Pence afirmou que a declaração de apoio foi encorajada pelo presidente Clinton nas urnas, em novembro.

Em paralelo à disputa em torno do apoio mútuo entre os republicanos, a imprensa americana relata que cada vez mais membros do partido, em especial os ligados à arrecadação de fundos, estão se rebelando contra Trump. Enquanto os jornais *The Hill* e *Post* relatavam a apreensão de estrategistas e doadores com as polêmicas do candidato, Meg Whitman, presidente da Hewlett Packard e peça-chave no financiamento de campanhas da legenda, declarou abertamente que apoiará Hillary e levantará contribuições para a democrata entre os amigos. "Exorto todos os republicanos a rejeitar Donald Trump em novembro", escreveu em sua página no Facebook.



Trump tem uma base formada por brancos da classe trabalhadora. Mas precisa ampliar esse apelo para as eleições gerais"

Dewey Clayton,
professor de ciência política da Universidade de Louisville

Enigma

Apesar de a situação de Trump ser considerada delicada por analistas políticos, seu estilo inédito e explosivo de fazer campanha complica qualquer projeção sobre o futuro da disputa pela Casa Branca. Para Dewey Clayton, professor de ciência política da Universidade de Louisville, o fato de o empresário enfrentar forte resistência dentro do partido pelo qual escolheu se candidatar — e pelo qual foi nomeado para disputar a eleição — pode fragilizá-lo. "Esta é uma eleição muito incomum, em muitos níveis."

Clayton observa que, após as convenções partidárias, Hillary saiu em vantagem e viu resultados claros nas pesquisas. A democrata aparece com 49% das intenções de voto, 10 pontos percentuais à frente do rival republicano, em uma sondagem encomendada pela rede Fox News. "Ela conseguiu um salto importante nas pesquisas, e Trump tem se envolvido em uma controvérsia após outra", destaca.

O estudioso considera que, além da fragilidade partidária, o empresário tem como complicadores a capacidade de arrecadação inferior à de Hillary e o fato de suas declarações terem afastado grupos importantes do eleitorado, como negros, hispânicos e mulheres. "Ele tem uma base formada por brancos da classe trabalhadora, fundamentalmente, e esse grupo pode ter garantido a vitória nas primárias. Mas Trump precisa ampliar esse apelo para as eleições gerais. Será extrema-

Jim Watson/AFP



O bilionário republicano faz comício em Daytona, no estratégico estado da Flórida: crises e controvérsias em série comprometem a campanha



Exorto todos os republicanos a rejeitar Donald Trump em novembro"

Meg Whitman,
presidente da Hewlett Packard

Jewel Samad/AFP - 2/11/15



mente difícil para ele fazer isso e vencer a presidência", pondera.

Desde o período de pré-campanha, analistas consideravam que o bilionário teria de atenuar o tom de suas declarações, para sair vitorioso. "Muitas pessoas dizem que ele já não escuta mais

ninguém", observa Clayton. Sem uma mudança na postura de Trump, discussões sobre a possibilidade de substituí-lo chegaram a ocorrer. Baoky Vu, um delegado do estado da Geórgia, afirmou ao *Atlanta Journal-Constitution* que considera não votar

pelo magnata no Colégio Eleitoral, que é composto segundo a votação popular de novembro e formaliza a escolha do presidente. "Eu tenho o direito de votar por um candidato que não aparece na cédula de votação, no Colégio Eleitoral", sugeriu.

"Pânico" no comando

O presidente do Comitê Nacional Republicano (RNC, em inglês), Reince Priebus, era ontem o retrato dos desacertos no comando da oposição americana. De acordo com o jornal *The Washington Post*, ele não escondia a "frustração profunda" com os rumos da disputa presidencial, e teria desabafado que "gastou todas as desculpas" que tinha para apresentar a dirigentes e doadores do partido a cada gafe ou declaração inoportuna de Donald Trump. "É um novo patamar de pânico", comentou Scott Reed, estrategista da Câmara Americana de Comércio. Com a experiência de quem opera há muito tempo com os humores da opinião pública, ele aconselhou a equipe de campanha do magnata: "É hora de fazer um reajuste sério".

Brendan Smialowski/AFP



Parabéns na Casa Branca

Uma campanha pelas redes sociais, em que admiradores foram convidados insistentemente a assinar um cartão virtual de felicitações, ajudou a preparar o clima para o 55º aniversário do presidente Barack Obama. Será o último que ele e a família celebrarão na Casa Branca, coincidindo com o momento em que a campanha para a sucessão ganha contornos dramáticos. Não por acaso, foi o site oficial da candidata governista à Presidência, Hillary Clinton, um dos que mais se empenharam na coleta de assinaturas de usuários. Com popularidade em alta e taxa de aprovação acima dos 50% — marca significativa para o fim do segundo mandato —, Obama é considerado um fator importante para que o Partido Democrata emplaque o terceiro período seguido à frente do governo norte-americano. A façanha é inédita para a legenda desde 1953, quando Harry Truman encerrou uma sequência de 20 anos iniciada por Franklin Roosevelt.

O maior perdão em um século

Em mais um lance de seu esforço pela reforma do sistema penal norte-americano, nos últimos meses à frente da Casa Branca, o presidente Barack Obama assinou ontem a comutação da pena de 214 condenados na esfera federal por crimes relacionados a drogas. Foi o ato de clemência presidencial com o maior número de beneficiários, em um só dia, desde mais de um século. Entre os favorecidos de ontem, 67 cumpriam sentenças de prisão perpétua.

"Esta decisão representa a maior quantidade de libertações autorizadas em um único dia desde pelo menos 1900", comentou Neil Eggleston, conselheiro da Casa Branca. Desde que assumiu a Presidência, de acordo com o assessor, Obama já outorgou 562 anistias, "mais do que os nove presidentes anteriores somados", completou Eggleston, ouvido pela agência de notícias France-Presse.

Os prisioneiros contemplados pela decisão de ontem, assim como os incluídos em um pacote semelhante, em junho, tinham em comum o diagnóstico de terem sido presos por crimes não violentos relacionados ao consumo, porte e comércio de substâncias ilegais. As elevadas sentenças se devem, segundo argumenta o governo federal, à rígida legislação aprovada décadas atrás para combater a epidemia do crack — com a aplicação de penas substancialmente mais duras que as relacionadas à cocaína.

Primeiro presidente negro dos EUA, Obama manifestou reiteradamente a preocupação com a taxa da população carcerária do país em relação ao total de habitantes do país. São mais de 2 milhões de detentos, com uma representação desproporcional de afro-americanos e latinos. Foi em nome de combater essa distorção que o chefe de Estado instruiu os assessores ligados ao tema a estu-



Total de detentos beneficiados pelo ato assinado ontem por Barack Obama

dar mecanismos para reduzir o período de detenção dos condenados por crimes não violentos.

"Nossa tarefa está longe de ter sido concluída", comentou o conselheiro da Casa Branca. "Espero que o presidente continue a distribuir clemência de maneira histórica e inspiradora", completou

Eggleston. "A América é o país da segunda oportunidade."

Campanha

O novo perdão de Obama a condenados por crimes relacionados às drogas contrasta fortemente com o teor do discurso pronunciado por Donald Trump, há duas semanas, no encerramento da Convenção Nacional Republicana. Ao aceitar formalmente a candidatura da oposição para disputar a eleição presidencial de novembro, o bilionário apresentou como item prioritário de seu programa o "restabelecimento da lei e da ordem".

A opção por indultos e comutações de pena foi o caminho encontrado pelo presidente democrata para contornar a obstrução da maioria republicana, que domina a Câmara dos Deputados e o Senado, a qualquer reforma mais ambiciosa e abrangente da legislação penal e do sistema penitenciário.